

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE LETRAS**

**JOÃO MARCELO SANTOS BEINE**

**O FENÔMENO DA MONOTOGAÇÃO NA FALA BARRAGARCENSE:  
UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

**BARRA DO GARÇAS - MT  
2022**

**JOÃO MARCELO SANTOS BEINE**

**O FENÔMENO DA MONOTOGAÇÃO NA FALA BARRAGARCENSE:  
UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho Monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora: Professora Dra. Geralda Fátima de Souza Rodrigues.

**BARRA DO GARÇAS - MT**

**2022**

## FICHA DE APROVAÇÃO

JOÃO MARCELO SANTOS BEINE

### **O FENÔMENO DA MONOTOGAÇÃO NA FALA BARRAGARCENSE: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho Monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, Câmpus Universitário do Araguaia, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, como requisito para a obtenção do título de Licenciada-- em Letras.

Orientadora: Professora Geralda Fátima de Souza Rodrigues.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de Dezembro de 2021.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Geralda Fátima de Souza Rodrigues (Orientadora)  
Universidade Federal de Mato Grosso

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque  
Universidade Federal de Mato Grosso

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Tereza Ramos de Carvalho  
Universidade Federal de Mato Grosso

Conceito: \_\_\_\_\_.

## DEDICATÓRIA

Este Trabalho de Curso é dedicado, primeiramente, a Deus, por ter me dado força e condições para eu chegar até aqui. Aos meus pais Maria Trindade dos Santos e Enio Luiz Ferri Beine (*in memoriam*), que estão felizes em um outro plano por esta nossa conquista. À minha avó Sidelcina Alves dos Santos e ao meu irmão Alexandre Eduardo Santos, que também são a minha força e sempre me deram todo o suporte para tanto. E, também, àqueles que duvidaram da minha capacidade, servindo-me de motivação para eu concluir esta etapa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado estrutura física e emocional, fé, força, perseverança, paciência e muita luz para a obtenção desta minha conquista.

Agradeço a minha mãe Maria Trindade dos Santos (*in memoriam*), pois ela foi a minha base, a minha fonte de amor, alegria, paz, conforto, incentivo e perseverança. Sem a menor dúvida, ela seria a pessoa mais feliz por esta nossa conquista.

Agradeço ao meu pai Enio Luiz Ferri Beine (*in memoriam*) pelo carinho e incentivo para eu investir nos estudos. Eu até me lembro do pai dizer “quero que você se forme para não ter que ‘ralar’ como eu”. Acredito que esta conquista também é sua, pai.

Agradeço a minha avó Sidelcina Alves dos Santos por apesar de não ter formação escolar, sempre ter priorizado a minha. Agradeço também pelo suporte, pelo amor, pelo respeito e pela confiança depositada em mim.

Agradeço ao meu irmão Alexandre Eduardo Santos por também ser a minha base, por estar comigo até mesmo quando eu não queria mais estar, por me levantar, por me mostrar que a viver vale a pena, por me dar apoio, felicidade e amor.

Agradeço aos meus familiares que direta ou indiretamente compreenderam e respeitaram a minha força de vontade para vencer, fazendo o possível para facilitar este processo, proporcionando-me afeto e momentos familiares fundamentais para a sobrevivência de um ser humano.

Agradeço aos meus amigos e colegas de turma por terem me proporcionado acolhimento, conforto, felicidade e sonhos compartilhados. A vida não se resume em vida acadêmica e em família. Com sorte, eu tive os melhores ao meu lado! Agradeço, em especial, ao meu amigo da faculdade Ykaro Hariel Alves de Oliveira Liba por ser a minha dupla no Programa Institucional de Iniciação à Docência, no Programa de Residência Pedagógica e nos Estágios Supervisionados Obrigatórios; eu o agradeço por ser o meu escuta, o meu terapeuta (*coach*), por ser aquela pessoa que me ensinou a olhar para baixo, para que eu sempre pudesse enxergar àqueles em situações menos favoráveis que eu e, para cima, para eu sempre seguir em frente e nunca desistir de quem eu sou e dos meus objetivos.

Agradeço aos professores que contribuíram significativamente na minha formação, fazendo-me compreender a beleza, a importância e a responsabilidade do Ser Professor.

Agradeço, em especial, a minha professora orientadora Dr<sup>a</sup>. Geralda Fátima de Souza Rodrigues por, *a priori*, encantar-me com tanto conhecimento e pela boa qualidade em transmiti-lo e, *a posteriori*, por ter aceitado ser a minha orientadora e por acreditar em mim quando nem eu acreditei. Sem a menor dúvida, ser presenteado com os livros que hei de debruçar neste trabalho e nas minhas pós-graduações, para mim, foi uma demonstração de carinho e, acima de tudo, de que ela via potencial em mim. Serei eternamente grato, professora!

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar o processo fonológico da monotongação de ditongos decrescentes /ay/, /ey/ e /ow/ na fala barragarcense. A monotongação é entendida como um processo fonológico que tem a redução de um ditongo, isto é, a semivogal é apagada e resulta em uma vogal simples. Para esse estudo, parte-se da Teoria Variacionista de William Labov, que compreende a língua como sistema heterogêneo, sistematizado e dotado de variações que são inerentes à língua, motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Seguindo essa abordagem, a fundamentação se baseia em Paiva (1996), Calvet (2002 [1993]), Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1978]), Labov (2008 [1972]), Coelho (2015), Cezario, Votre (2016 [2008]), Martelotta (2016 [2008]), Votre (2020 [2004]), Mollica, Braga (2020 [2004]), Paiva, Duarte (2020 [2004]) e Naro (2020 [2004]). Para realizar a análise proposta, foram utilizados os dados já coletados no *corpus* de fala barragarcense pelo Grupo de Estudos em Linguística Funcional do Araguaia (GELFA), contando com amostragens de seis entrevistas, sendo três do sexo masculino e três do feminino; grau de escolaridade: ensino fundamental, médio e superior; quanto a faixa etária, sugere-se dois grupos: G1 - informantes de 19 – 28 anos, e G2 – informantes de 39 – 47 anos. Após a seleção dos informantes, a pesquisa segue pela busca de ocorrências de ditongos decrescentes que sofreram monotongação na fala barragarcense. Depois de selecionadas as ocorrências, a pesquisa analisa e interpreta os dados, à luz da Teoria Laboviana a fim de comprovar ou não se a fala barragarcense segue a tendência da monotongação como em diferentes regiões do Brasil.

**Palavras-chave:** Linguagem. Monotongação. Sociolinguística.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01.....	28
----------------	----

## **LISTA DE TABELAS**

Quadro 01.....	27
Quadro 02.....	29
Quadro 03.....	30
Quadro 04.....	31
Quadro 05.....	32

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I.....	13
1. APONTAMENTOS TEÓRICOS GERAIS .....	13
1.1.1 A SÍLABA.....	20
1.1.2 O DITONGO.....	20
1.1.3 O MONOTONGO E A MONOTONGAÇÃO.....	21
1.1.4 VOZEAMENTO, PONTO E MODO DE ARTICULAÇÃO .....	22
CAPÍTULO II .....	23
2. 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	23
2.1.1 FATORES LINGUÍSTICOS.....	24
2.1.2 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS .....	24
CAPÍTULO III.....	25
RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	25
3.1 APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DOS FATORES LINGUÍSTICOS.....	26
3.1.1 Extensão da palavra.....	26
3.1.2 Contexto Seguinte .....	27
3.2 APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS....	29
3.2.1 NÍVEL DE ESCOLARIDADE .....	29
3.1.2 SEXO .....	30
3.1.3 FAIXA ETÁRIA .....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS .....	33
ANEXOS.....	34

## INTRODUÇÃO

Esse estudo propõe uma descrição linguística da fala barragarcense acerca do fenômeno da monotongação de ditongos decrescentes. O processo de monotongação é entendido como uma redução de um ditongo que tem o glide suprimido: de [ow]ro, p[ey]xe, b[ay]xo, por [o]ro, p[e]xe e b[a]xo, respectivamente. Logo, a delimitação do tema consiste na monotongação de ditongos decrescentes na cidade de Barra do Garças.

O problema da pesquisa parte do seguinte questionamento: a monotongação dos ditongos decrescentes /ow/ /ay/ e /ey/ na cidade de Barra do Garças confirmaria a hipótese de que essa supressão tenderia a seguir o mesmo caminho como em alguns dialetos do Brasil? Nesse sentido, a hipótese do trabalho presume que o fenômeno da monotongação barragarcense pode estar ligado a fatores linguísticos tais como contexto fonológico seguinte, tonicidade e número de sílabas e também aos fatores extralinguísticos como sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Presume-se, também, que, em relação aos fatores linguísticos, o contexto fonológico seguinte condicionaria o apagamento do ditongo e em relação aos fatores extralinguísticos, seria necessário investigar quais deles teriam mais força na realização da monotongação.

Segundo as pesquisas de Paiva (2003), Silva (2004), Anselmo (2011), Bittencourt (2012) e Freitas (2017), o processo de monotongação dos ditongos decrescentes se apresenta como uma tendência no português brasileiro falado em diferentes regiões do Brasil, seguindo uma linearidade dos resultados, apresentando quase sempre as mesmas motivações para as variações linguísticas e extralinguísticas.

Os aspectos linguísticos mostraram que existe uma tendência à queda da semivogal /w/ em /ow/ por causa do contexto fonológico seguinte, destacando a realização da tepe e oclusivas, como em /oro/ por /ouro/ e, também, por causa da extensão da palavra. Na semivogal /y/ em /ay/ /ey/, os estudos mostraram que a motivação seria o contexto fonológico seguinte, porém sendo preenchido por uma consoante palatal [Σ], como em /pexe/ por /peixe/ e /caxa/ por /caixa/.

Quanto aos aspectos extralinguísticos, há a pesquisa como a de Freitas (2017, p. 69) que apresentou em seus resultados que,

[...] em relação aos fatores considerados extralinguísticos, como sexo, idade, escolaridade, no que diz respeito ao fenômeno da monotongação, eles pouco

influem, ou até mesmo nada influem sobre sua realização, sendo que, como dissemos anteriormente, o fator “menor escolaridade” influencia a monotongação do ditongo /ow/ somente.

Corroborando os estudos dos demais pesquisadores mencionados, eles consideraram, *a priori*, a faixa etária e, *a posteriori*, a escolaridade, conforme a pesquisa de Anselmo (2011, p. 39), “[...] a variável idade constituiu fator importante na nossa pesquisa, uma vez que, foi possível verificar que o assunto estudado não é algo estável, mas, algo que se modifica, com o avançar da idade” e, conforme a pesquisa de Bittencourt (2012, p. 15) “[...] podemos dizer que o perfil dos falantes que menos ‘monotongam’ seria o composto por jovens com escolaridade mais alta”.

Nesse sentido, esse trabalho se justifica pelo interesse em confirmar se o que é apresentado sobre o processo de monotongação pelas pesquisas mencionadas também é recorrente na fala barragarcense. Caso a pesquisa apresente outros resultados, contribuirá com futuras pesquisas e com registro de peculiaridades da fala local. Pesquisar a fala de Barra do Garças é relevante por possibilitar o registro dos traços linguísticos da cidade, tendo em vista que não foram encontradas pesquisas sociolinguísticas da região.

No que diz respeito aos objetivos: o objetivo geral consiste em investigar o processo fonológico da monotongação de ditongos decrescentes /ay/, /ey/ e /ow/ na fala barragarcense; os específicos consistem em (i) descrever quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que motivam a ocorrência da monotongação de ditongos decrescentes e (ii) investigar se a monotongação de ditongos decrescentes confirma a hipótese de outros pesquisadores de que a monotongação é uma tendência em algumas regiões do Brasil.

Para este estudo, parte-se da Teoria Variacionista de William Labov que compreende a língua como sistema heterogêneo, sistematizado e dotado de variações que são inerentes à língua, motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Seguindo essa abordagem, a fundamentação se baseia em Paiva (1996), Calvet (2002 [1993]), Weinreich, Labov, Herzog (doravante WLH) (2006 [1978]), Labov (2008 [1972]), Coelho (2015), Cezario, Votre (2016 [2008]), Martelotta (2016 [2008]), Votre (2020 [2004]), Mollica, Braga (2020 [2004]), Paiva, Duarte (2020 [2004]) e Naro (2020 [2004]).

A pesquisa foi organizada da seguinte forma: no Capítulo I serão apresentados os apontamentos teóricos gerais sobre a Teoria Variacionista de Labov e o percurso do processo de monotongação; no II serão apresentados os procedimentos metodológicos, considerando os possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que tendem a motivar a monotongação em

ditongos decrescentes; no III serão apresentados os resultados e discussões acerca do processo fonológico da monotongação na fala barragarcense.

## CAPÍTULO I

Nesse tópico serão vistos os valores da Teoria Variacionista, de William Labov, que sustentam e norteiam esta pesquisa, somados a formação do processo fonológico da monotongação, que é o fenômeno definido como objeto de estudo.

### 1. APONTAMENTOS TEÓRICOS GERAIS

A linguística é uma ciência da contemporaneidade que teve como precursor o linguista suíço Ferdinand Saussure<sup>1</sup> que traçou regras gerais do funcionamento estrutural da língua e, conseqüentemente, definiu-a como objeto de estudo. Nesse sentido, a linguagem para ele era composta por *langue* (língua) e *parole* (fala), sendo a língua um fato social convencionado, imutável, autônomo, homogênea, ao passo que a fala é individual, mutável e heterogênea. Saussure também define como dicotomia a sincronia e diacronia: a sincronia corresponde a um recorte do tempo para estudo, sem considerar a mudança dessa língua, enquanto a diacronia diz respeito ao estudo ao longo do tempo, podendo observar diferentes variações. Para ele, somente a sincronia pode proporcionar um estudo científico da língua.

A concepção estrutural de Saussure contribuiu significativamente para inserir a linguística no campo científico, entretanto, com o avanço do estudo da língua, na década de 1960, surgindo uma subárea da linguística, Labov rompe com essas ideias ao observar uma relação entre linguagem e sociedade. Assim, ele postula que não existe uma comunidade de fala homogênea, mas uma comunidade que apresenta variação e mudança de forma inerente, motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Após as ideias de Saussure, surge Noam Chomsky<sup>2</sup> que foi responsável pelos estudos da Gramática Gerativa, por meio dela foi concebido o conceito de que a linguagem humana se

---

<sup>1</sup> Em 21016, é publicada a obra *Curso de Linguística Geral*, na França. Esse feito permitiu que outros estudiosos da língua tomassem a linguagem como objeto de estudo.

<sup>2</sup> Primeiras obras *Syntactic Structures* (SyS) (1957) e *Aspects of the Theory of Syntax* (Aspects).

estrutura a partir de estruturas cognitivas universais, fato que possibilita compreender as peculiaridades dos sistemas particulares das línguas. Assim, a manifestação da linguagem dependeria do estímulo linguístico, atrelado às estruturas universais, subjacentes à espécie humana, ou seja, a linguagem seria inata ao ser humano.

Chomsky postulou que toda e qualquer língua contém um número infinito de frases que podem ser produzidas a partir de um número finito de regras linguísticas. Chomsky aventa que a capacidade do ser humano para produzir e estruturar frases é inata, além disso, desenvolveu os conceitos de competência, que é o conhecimento da estrutura da língua, e desempenho, que a manifestação da língua por meio dos seus falantes, entretanto, Chomsky não aprofundou suas análises em relação ao desempenho (COELHO, 2010).

Com os avanços dos estudos de língua, Labov, considerado o precursor dos estudos sociolinguísticos, define linguagem como "[...] o instrumento de comunicação utilizado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados" (LABOV, 1994, p. 9). Ao delimitar a linguagem como objeto de estudo, deve-se considerá-la como indissociável em relação às estruturas sociais, pois conforme Martellota (2016, p. 19), “a linguagem é um dos ingredientes fundamentais para a vida em sociedade”.

A partir da necessidade de se estudar a linguagem, atrelada à sociedade, surge a Sociolinguística entre os dias 11 e 13 de maio de 1964, na conferência *The Dimensions of Sociolinguistic*, organizada pelo William Bright, que reúne pesquisadores em Los Angeles, Estados Unidos da América, com o intuito de agrupar e sistematizar estudos que consideram tanto a estrutura linguística como a social, provocando uma ruptura com os pensamentos saussurianos e chomskyanos (1974 [1966] apud CALVET, 2002).

Dentre os pesquisadores que participaram do encontro de maio de 1964, o linguista norte americano Labov lidera essa abordagem, passando a ser chamada por ele como Sociolinguística Variacionista e/ou Teoria da Variação.

A nova corrente linguística instaurada, inicialmente, surgiu das críticas de Labov aos valores saussurianos que, não só desconsideravam os fatores externos à língua, como também se basearam nas dicotomias *langue/parole* e sincronia/diacronia. Conforme Paiva e Duarte (2006, p. 139), “[...] ao identificar a mudança como face sincrônica da variação, WLH rompe com as fronteiras sincronia e diacronia”.

A resistência de Labov também se estende aos valores chomskyanos por entender que, ao estudar a língua, faz-se necessário considerar a sua heterogeneidade e, também, que não é possível ser estudada por falantes ideais, mas por falantes reais.

Labov consolida essa nova corrente linguística e traz considerações fundamentais de sua proposta como, por exemplo, a noção de variante e variável. O autor (2008 [1972], p. 92-93) argumenta que para definir uma variável linguística é necessário estabelecer o espectro total de contextos linguísticos em que ela ocorre, assim como definir tantas variantes fonéticas quanto for possível distinguir e estabelecer um índice quantitativo para medir valores das variáveis.

Em Mollica (2020 [2004], p. 10-11) tem-se o entendimento de que as variantes das diversas formas alternativas configuram um fenômeno variável, ao passo que a variável linguística é concorrência entre essas variantes.

A língua sofre variações porque é um sistema heterogêneo e, segundo Mollica (2020 [2004], p. 9), todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se, assim, formas distintas que equivalem, semanticamente, no nível do vocabulário, da sintaxe, da morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. Labov (2008 [1972] p. 238) afirma que a heterogeneidade não é apenas comum, mas ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.

Conforme WLH (2006 [1968], p. 125), a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão “a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle desta estrutura heterogênea”.

Sendo assim, a Sociolinguística parte da ideia de que as variações são inerentes à língua e isso implica entender que a língua possui um sistema heterogêneo, sistematizado, isto é, mesmo tendo variações, a língua possui regras que são categóricas e variáveis, o que permite a comunicação às diferentes comunidades.

Labov (2008 [1972], p. 150) também traz a noção de comunidade de fala na qual “não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”, isto é, a comunidade de fala diz respeito a grupos de falantes que compartilham as mesmas normas, mas isso não implica falar todas as formas iguais.

No que diz respeito às formas variantes e os seus significados sociais, Labov (2008 [1972] *apud* Coelho, 2015, p. 27), estabelece diferenças entre variante padrão e não padrão:

“As variantes padrão são, *grosso modo*, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não padrão se afastam desse modelo”. Ainda que somente uma pequena parcela de uma comunidade use a variante padrão, ela tende a ser considerada a forma de prestígio, enquanto a maior parcela da comunidade que fala a variável não padrão parece ser mais estigmatizada, inclusive pelos próprios falantes. Nesse viés, a variável padrão tende a ser mais conservadora, sendo falada por mais tempo pela comunidade, ao passo que a não padrão demonstra ser inovadora.

As diferenças entre as variantes padrão, que são prestigiadas, e as não padrão, que são estigmatizadas, criam margem para o preconceito linguístico, falseando a ideia de que há uma forma correta, enquanto outra é errada, como na Língua Portuguesa. No entanto, Segundo Labov (2008 [1972] apud Coelho, 2015, p. 31-32),

[...] uma das contribuições da Sociolinguística é justamente a de desmascarar esse argumento: incontáveis pesquisas já confirmaram que não há nada nas formas variáveis de uma língua que permita afirmar que umas são melhores ou mais corretas do que as outras. Segue daí, portanto, que o julgamento (ou, em termos mais claros, o preconceito) é social, e geralmente parte de cima para baixo, ou seja, das camadas dominantes econômica e culturalmente para as camadas dominadas. Dizer que tal pessoa ou tal grupo é ignorante porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social.

O nível de consciência que um determinado falante tem sobre uma variável corresponde às definições de Labov como estereótipos, marcadores e indicadores.

No que diz respeito aos estereótipos, conforme Labov (2008 [1972], p. 211-212),

[...] se o grupo no qual se originou a mudança não era o grupo de maior *status* social na comunidade de fala, os membros do grupo de maior *status* acabam por estigmatizar a forma resultante de mudança. Essa estigmatização dá início à mudança vinda de cima, uma correção esporádica e irregular das formas mudadas, na direção do modelo do grupo de maior *status* – ou seja o modelo de prestígio. Se o modelo de prestígio do grupo de maior *status* não corresponder à forma usada pelos outros grupos em algumas classes de palavras, os outros grupos exibirão um segundo tipo de hipercorreção: eles modificarão sua fala monitorada a ponto de ultrapassar o alvo designado pelo grupo de prestígio. Sob extrema estigmatização, uma forma se torna assunto de comentário social explícito e pode acabar por desaparecer. Trata-se então de um estereótipo, que pode ficar cada vez mais divorciado das formas que são realmente usadas.

Os marcadores, segundo Labov (2008 [1972], p. 210), incidem depois que a mudança alcança os limites de suas expansões e a variável linguística se torna a norma que define a comunidade de fala e todos os membros da comunidade reagem de maneira uniforme ao novo uso sem, necessariamente, ter consciência disso. E, por fim, Labov (2008 [1972], p. 210),

define que “[...] os indicadores podem ser entendidos como uma mudança vinda de baixo”, isto é, abaixo do nível de consciência.

Avançando um pouco mais sobre as definições da Teoria Variacionista, as variáveis são condicionadas por meio de fatores que regulam a escolha entre uma forma e outra. Conforme Coelho (2015, p. 28), “[...] os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo”.

Os condicionadores são divididos entre extralinguísticos e linguísticos: os condicionadores extralinguísticos são independentes à estrutura da língua, ou seja, condiz com as questões sociais relacionadas ao informante, como faixa etária, sexo, grau de escolaridade, classe social, por exemplo; já os condicionadores linguísticos são aqueles internos à língua, podendo ocorrer no nível lexical, fonológico, sintático, morfofonológica, morfológica e morfossintática.

Em um nível mais específico, o processo de monotongação do ditongo é um exemplo de variação que acontece no nível fonológico e para maiores definições da variação interna tem-se a definição de Paiva (1996) ao entender que “[...] a monotongação é o processo fonológico em que o glide (semivogal) é apagado de um ditongo, o que resulta na transformação do encontro vocálico em uma vogal pelo processo de assimilação”, isto é, a semivogal é apagada em decorrência do som igual ou parecida de outra vogal vizinha. Este fenômeno é encontrado em palavras como b[ay]xo, r[ow]pa, p[ey]xe, em que na fala, tem sido observada como baxo, ropa e pexe, respectivamente.

Em outras palavras, conforme mencionado anteriormente, os fatores internos que motivaram a monotongação tendem a ocorrer por meio do processo de assimilação, isto é, pelo o som da semivogal ser semelhante ao da vogal, o que resulta no apagamento do glide.

Para que se justifique plausivelmente a mudança linguística, WLH (2006 [1968]) apresentam cinco questões que deverão ser levadas em consideração empiricamente pelo pesquisador a fim de saber se as formas que estão em variação estão ordenadas na língua, sendo os cinco problemas: de restrição ou fatores condicionantes, de encaixamento, de transição, de avaliação e de implementação ou atuação.

- a) o problema de restrição ou fatores condicionantes, segundo Labov (2008 [1972] *apud* Coelho, 2015, p. 96), diz respeito ao

[...] conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para a mudança, que podem ocorrer numa dada estrutura, isto é, os fatores condicionantes da variação e mudança linguísticas (externos e internos). Para estudar as motivações internas, o

pesquisador deve fazer um levantamento dos fatores linguísticos que condicionam o uso mais ou menos frequente da nova forma (ou do novo traço) na língua, isto é, das forças estruturais da língua. E para estudar as motivações externas, deve fazer um levantamento dos fatores sociais e estilísticos que condicionam o uso mais ou menos frequente da nova forma (ou do novo traço) na língua. O estudo desses condicionadores é importante no sentido de confirmar que a variação é inerente ao sistema linguístico, uma vez que o sistema linguístico é heterogêneo. [...] a variação é uma propriedade regular do sistema, sendo motivada por condicionadores internos e externos, e de que o falante tem competência linguística para lidar com regras variáveis.

- b) o problema de encaixamento, de acordo com Labov (2008 [1972], p. 193), “[...] é encontrar a matriz contínua de comportamentos sociais e linguísticos em que a mudança linguística é levada a cabo”, isto é, ajuda a compreender quais motivações sociais e linguísticas as variações podem apresentar.
- c) o problema de transição, segundo Labov (2008 [1972], p. 193), “[...] consiste em encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior”, ou seja, implica compreender que as formas antigas não são substituídas de uma vez pelas formas novas, mas existem fases em que as variantes coexistem e concorrem, fazendo que com o uso de uma das formas diminua até que aconteça a mudança linguística. Conforme Naro (2020 [2004], p.42), a mudança, em longo prazo, não se processa de maneira instantânea e nem abrupta, mas se processam de maneira gradual em várias dimensões. Dessa forma, Labov propõe pensar na mudança em tempo aparente, mudança em progresso e mudança em tempo real.

A mudança em tempo aparente, segundo Naro (2020 [2004], p.45), é o estado atual de um falante adulto, refletindo o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade, ao passo que uma pessoa de 60 anos de idade representa a língua de quarenta e cinco anos atrás; essa escala obtida através do estudo de falantes de idades diferentes é chamada de gradação etária, o que corresponde a uma escala de mudança em tempo aparente, isto é, um estudo de mudança aparente pode buscar comprovar a diferença linguística entre adolescentes, adultos e idosos, por exemplo.

Já a mudança em curso ou em progresso, conforme Paulista (2016, p. 167) “[...] é aquela em andamento numa comunidade de fala (ainda não efetivada totalmente), captada por meio de estudo em tempo real (mudança em tempo real) ou tempo aparente (mudança em tempo aparente)”. E, por fim, conforme Labov (2008 [1972] *apud* Coelho, 2015, p. 100), a mudança em tempo real “[...] é captada pelo comportamento linguístico ao longo de diferentes

períodos de tempo”, ou seja, o estudo pode se dar pela comparação de textos escritos de diferentes épocas ou pela comparação de amostras de fala de grupos com estratificação social diferente, num intervalo de vinte anos, para observar se existe variação e/ou mudança na fala do indivíduo.

- d) o problema de avaliação condiz com a atitude social como influência no processo de mudança linguística. Conforme Labov (2008 [1972], p. 193),

[...] o problema da avaliação é encontrar os correlatos subjetivos das mudanças objetivas que foram observadas. A abordagem indireta deste problema correlaciona com as atitudes e aspirações gerais dos informantes com o seu comportamento linguístico. A abordagem mais direta é medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística.

- e) o problema de implementação, por sua vez, tenta investigar como se dá a mudança em determinados contextos e em outros não, por exemplo. Segundo WLH (2006 [1968], p. 25),

[...] a completção da mudança e a passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía. O alto grau de regularidade que a mudança sonora exhibe é o produto desta perda de significação nas alternâncias envolvidas e da seleção de uma das alternativas como uma constante.

Os problemas empíricos, elencados por Labov, devem auxiliar o pesquisador a encontrar respostas satisfatórias sobre a mudança linguística, pois segundo Coelho (2015, p. 95), o pesquisador deverá considerar a descrição dos dados empíricos como fonte necessária para confirmar que a heterogeneidade é sistemática e ordenada.

Após ter sido conceituado os principais pontos da Teoria Variacionista, passar-se-á a uma breve explicação do processo de monotongação na fonologia do Português Brasileiro.

## **A MONOTONGAÇÃO NA FONOLOGIA BRASILEIRA**

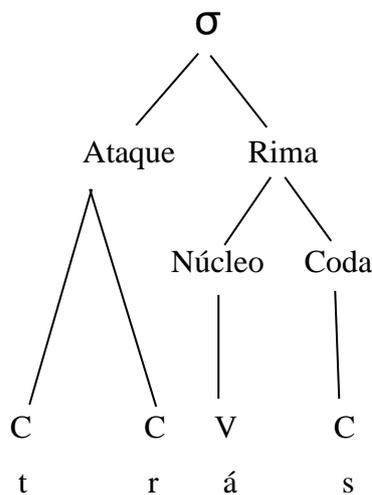
Nesse tópico, serão apresentados os conceitos de sílaba, ditongo, monotongo e monotongação, respectivamente, para que o leitor compreenda com clareza as dimensões da análise.

### 1.1.1 A SÍLABA

A noção de sílaba adotada nesta pesquisa é a de Stetson (1951, *apud*, Silva, 2003, p. 76-77), na qual é explicada por meio do mecanismo de corrente de ar pulmonar, ou seja, pelos movimentos de contração e relaxamento dos músculos que lançam para fora pequenos jatos de ar, no que constitui a base de uma sílaba.

A sílaba é um movimento de força que atinge um limite máximo e depois reduz progressivamente esta força. Nesse sentido, ela é composta por três partes: inicia-se por uma parte periférica que intensifica a força muscular, também chamada de ataque; seguidamente é o núcleo ou pico, parte obrigatória, que sempre vai existir e que, geralmente, é preenchido por um segmento vocálico; e é finalizado com outra periférica que reduz a força, também chamada de coda, sendo opcional, preenchido por segmentos consonantais.

Dessa forma, tome-se como exemplo a palavra “trás”, na qual o ataque são as consoantes “tr”, intensificando a força até que se chegue no pico “á” e que finaliza na coda “s”, observe-se o esquema que segue:



### 1.1.2 O DITONGO

Tomando o conceito de Silva (2003, p. 73), o ditongo é uma sequência de segmentos em que um deles é interpretado como uma vogal e o outro como semivogal ou glide. O que caracteriza um segmento como vocálico ou consonantal é o fato de haver ou não obstrução na passagem de ar pelo trato vocal, isto é, os segmentos vocálicos apresentam a passagem de ar livre, ao passo que os segmentos consonantais apresentam a passagem obstruída.

Nesse sentido, as semivogais são definidas como “semi” por apresentarem características fonéticas de segmentos vocálicos ou consonantais, ou seja, ora tem obstrução, ora tem a da passagem de ar livre. Ainda segundo Silva (2003, p. 73), um ditongo é uma vogal que apresenta mudança na qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica.

Quando o ditongo tem a proeminência acentual na primeira vogal, com a sequência de vogal-glide, segundo Silva (2003, p. 75), é chamado de ditongo decrescente. Em contrapartida, quando a proeminência acentual ocorre na segunda vogal, isto é, na sequência de glide-vogal, é chamado de ditongo crescente. Vale ressaltar que a noção de crescente para a sequência de glide-vogal se justifica pelo fato de o ditongo começar por uma sílaba átona, do menor para o maior, como numa reta numérica. Logo, a sequência vogal-glide é chamada de decrescente por decrescer, isto é, inicia-se por uma sílaba tônica e, por seguinte, uma átona, do maior para o menor.

### **1.1.3 O MONOTONGO E A MONOTONGAÇÃO**

Ao passo que um ditongo, necessariamente, apresenta uma mudança na qualidade vocálica, segundo Silva (2003, p. 73-74), as vogais que não apresentam estas mudanças são chamadas de monotongos.

Assim, o fenômeno fonológico que há supressão de um ditongo para uma vogal simples é chamado de monotongação, ou seja, quando os ditongos b[ay]xo, p[ey]xe, [ow]ro, perdem a mudança de qualidade vocálica e pronunciam-se b[a]xo, p[e]xe e [o]ro, respectivamente, por exemplo, existe uma queda do ditongo para monotongo por no fim desse processo resultar em somente uma sílaba. E, então, tem-se um processo de monotongação.

Dessa forma, o processo de monotongação é entendido pela mudança de um ditongo para uma vogal simples, como de p[ou]co p[ey]xe para p[o]co p[e]xe.

### 1.1.4 VOZEAMENTO, PONTO E MODO DE ARTICULAÇÃO

A compreensão da produção do fonema consonantal é possível ao se considerar todos os mecanismos físicos que permitem a emissão do som, isto é, deve-se levar em conta vozeamento, modo e ponto de articulação para que se consiga mapear e definir a origem de cada fonema.

O vozeamento dos fonemas consonantais, conforme Silva (2003), diz respeito a ocorrência ou não da produção de um segmento com a participação das cordas vocálicas acionadas, ou seja, para que haja a produção do som, as cordas vocálicas precisam vibrar.

O ponto de articulação corresponde ao lugar em que a obstrução é feita, isto é, refere-se em quais pontos do aparelho fonador é usado para a produção do fonema; conforme Silva (2003), os pontos de articulação são os bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, alveopalatal, palatais, velares, uvulares, glotais.

Assim, de acordo com Silva (2003), a funcionalidade desses pontos corresponde a: 1 bilabial – os fonemas são produzidos pelos dois lábios; 2 labiodental - acontece quando os dentes superiores tocam o lábio inferior; 3 linguodental – pronunciada com a língua nos dentes; 4 – com a ponta da língua nos alvéolos; 5 alveopalatal – entre os alvéolos e o palato (céu da boca); 6 palatal – quando o dorso da língua atinge o palato duro; 7 velar – quando o dorso da língua atinge o véu palatino; 8 uvular – a parte posterior da língua atinge o lado mais baixo do véu; 9 glotal – se verifica uma constrição nas cordas vocais.

Já a maneira ou modo de articulação de um segmento, em consonância com Silva (2003, p. 32-33), “[...] está relacionado ao tipo de obstrução da corrente de ar causada pelos articuladores durante a produção de um segmento. Identificando o “[...] grau e natureza\*da constrição” (ou seja, a maneira como se dá a obstrução da corrente de ar) estamos caracterizando a sua maneira ou modo de articulação”. Nesse sentido, Silva (2003, p. 33), classifica as categorias de constrição para a descrição do português como oclusiva, nasal, fricativa, africada, tepe, vibrante, retroflexa e lateral.

As constrições acontecem pelo fato de: 1 oclusiva - por meio do trancamento completo da passagem de ar, liberando-o em seguida; 2 nasal - quando fechamos completamente a

cavidade oral, permitindo que o ar saia pelo nariz; 3 fricativa - quando se estabelece uma constrição no trato oral, de modo que escape o ar com dificuldade, produzindo um som contínuo; 4 africada – começa com uma consoante oclusiva e termina com uma fricativa; 5 tepe – quando há uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar através da boca; 6 vibrante – quando a ponta da língua ou úvula vibram; 7 retroflexa - se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção do palato duro; 8 lateral – quando se eleva a ponta da língua junto dos alvéolos enquanto o ar sai pelos lados da língua (SILVA, 2003).

Ao apresentar o quadro teórico que norteia esta pesquisa, o trabalho segue com a apresentação dos processos metodológicos e os possíveis fatores condicionantes que podem ou não favorecer a monotongação na fala barragarcense.

## **CAPÍTULO II**

Nesse capítulo, serão apresentados os processos metodológicos seguindo a Teoria Variacionista, considerando os possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que podem motivar a monotongação.

### **2. 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa de campo desse trabalho situa-se dentro da área da Sociolinguística e, para proceder às análises propostas nesse trabalho, foi utilizado um levantamento de dados no *corpus* de fala barragarcense já coletado, anteriormente, pelo Grupo de Estudos em Linguística Funcional do Araguaia (GELFA). Esse tipo de pesquisa consiste na observação dos fatos e fenômenos que serão interpretados com base na fundamentação teórica do modelo de análise sociolinguística, também chamado de “Teoria da Variação Linguística” que tem por princípio a ciência da linguagem social. Sob tal perspectiva, assume-se que há a coexistência de variantes no meio social que justificaria o uso de uma ou outra variante. Tem-se, a seguir, a caracterização do *corpus* a ser levantado com entrevistas de 06 falantes de Barra do Garças, sendo observados os seguintes fatores linguísticos e extralinguísticos.

### 2.1.1 FATORES LINGUÍSTICOS

Os fatores linguísticos selecionados foram os listados a seguir

- **Extensão da palavra:** Segundo a pesquisa de Freitas (2017, p. 59), da fala uberabense, de Minas Gerais, as palavras classificadas como trissílabas tendem a monotongar mais, ao passo que Aragão (2000, apud Freitas, 2017, 59), em Fortaleza – Ceará, verificou que quanto maior a palavra, maior é a chance de monotongar, isto é, as palavras classificadas como polissílabas tendem a monotongar na fala cearense. A partir daí, buscar-se-á compreender se a extensão da palavra pode influenciar na monotongação da fala de Barra do Garças.

- **Contexto seguinte:** Segundo Cagliari (2002, apud Freitas, 2017, p. 41), na análise fonológica, o contexto (ou ambiente) em que um segmento se encontra pode influenciar a sua pronúncia ou favorecer uma alteração fonológica ou morfológica. Nesse ponto, será analisado se o contexto seguinte que sucede o fenômeno favorece a alteração fonológica.

É importante salientar que os informantes têm que ter nascido em Barra do Garças ou vindo morar na cidade desde os 05 anos de idade, não podendo ter se ausentado por mais de 02 anos consecutivos desse município.

Segundo a Teoria Laboviana, o trabalho aqui desenvolvido situa-se no modelo de estudo de mudança em tempo aparente por buscar comprovar a diferença linguística entre adolescentes e adultos, ou seja, é uma pesquisa de tempo aparente por analisar qual geração está sujeita a monotongar mais os ditongos decrescentes. Diferente da mudança em tempo real, que busca relacionar os fenômenos ao longo de diferentes períodos de tempo.

Após a seleção dos informantes no *corpus*, a pesquisa seguiu com a identificação das variáveis linguísticas nas transcrições, isto é, buscou-se por ocorrências de ditongos decrescentes que sofreram monotongação na fala dos informantes entrevistados. Depois de identificados e selecionadas as ocorrências, a pesquisa apoiar-se-á na análise e interpretação dos dados.

### 2.1.2 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Já os fatores extralinguísticos que irão compor a análise são os que seguem.

- **Nível de escolarização:** segundo Votre (2004, p. 51), a escola gera mudanças na fala das pessoas que as frequentam. Entretanto, ela atua como preservadora de formas de prestígio, pois a escola incute gestos, normas, padrões estéticos e morais face à conformidade de dizer, por isso, a divisão dos níveis foi feita em 02 informantes do ensino fundamental, 02 do ensino médio e 02 do ensino superior a fim de verificar se os diferentes níveis de escolarização influenciaram no processo de monotongação.

- **Sexo:** Conforme Labov (2008 [1972], p. 282), “[...] as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. Essa pesquisa contou com amostragens de três entrevistas do sexo masculino e três do sexo feminino a fim de verificar em qual dos sexos o fenômeno da monotongação é mais frequente.

- **Faixa Etária:** Segundo Labov (2008 [1972], p. 79), as variantes de prestígio tendem a ser mais recorrentes entre as pessoas mais jovens. Sugere-se, então, dois grupos: G1 - informantes de 19 - 28 anos; G2 – informantes de 39 – 47 anos. Vale destacar que o espaço de tempo entre os grupos equivale a uma geração para que seja possível existir alguma variação e/ou mudança linguística entre os indivíduos envolvidos.

Vale destacar que os exemplos citados, para fins de apresentação dos dados, serão caracterizados por iniciais dos nomes e/ou siglas, cumprindo o código de ética que prevê a não demonstração do informante.

Após apresentar os procedimentos metodológicos e os possíveis fatores linguísticos e sociais, a pesquisa segue para a próxima sessão, na qual irá discorrer sobre os resultados e discussões.

### **CAPÍTULO III**

#### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesse capítulo, serão apresentados os resultados obtidos, combinando os fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam a ocorrência da monotongação dos ditongos decrescentes. Vale destacar que os exemplos a serem apresentados foram extraídos das entrevistas, isto é, do banco de dados do GELFA e cada exemplo será caracterizado da seguinte forma:

(Inf. 1, E.F., 18a).

No primeiro momento, onde se lê “Inf.1”, entende-se pela ordem e número do informante que será usado de exemplo. Em sequência, a segunda abreviatura, como em “E.F.”, corresponde ao nível de escolaridade em que o informante tem. E, por fim, a última abreviatura, corresponde à faixa etária do informante.

### 3.1 APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DOS FATORES LINGÜÍSTICOS

#### 3.1.1 EXTENSÃO DA PALAVRA

No que se refere ao fator extensão da palavra, observa-se que as palavras dissílabas tiveram maior número de ocorrências em relação às palavras trissílabas e polissílabas. Segue o exemplo abaixo.

- I- ...fui pulei dentru d’água de ropa e tudu. (Inf. 1, M, E.S, 19a)
- II- ...sou mais casera. (Inf. 2, F, E. M, 20a)
- III- ...a minha avó brigava porque ele era macumbero. (Inf. 3, F, E.S, 21a)

Conforme exemplificado acima, as palavras dissílabas, isto é, as palavras com a mesma extensão de “ropa”, contendo duas sílabas, como no exemplo I, somaram 110 ocorrências, tendo o percentual de 71,42%. Já as palavras trissílabas, como em “casera” do exemplo II, foram apresentadas 13 ocorrências, tendo o percentual de 8,44%. E, em relação às palavras polissílabas, conforme o exemplo III, foram somadas 31 ocorrências, ou seja, 20,12%.

**Gráfico 1** – Extensão da Palavra



Fonte: Elaboração própria.

Vale destacar que não houve diferença do número de ocorrência das dissílabas entre um grupo e outro, somando 55 em cada, ou seja, 50% de ambos. Já nas palavras trissílabas, houve uma pequena diferença, pois enquanto o G1 teve 6 ocorrências, totalizando 46, 15%; o G2 teve 7, com 53,87%. Quanto às palavras polissílabas, foi perceptível uma maior diferença, tendo em vista que o G1 houve 6 ocorrências e o G2 25, totalizando 19% e 80,64%, respectivamente.

Assim, verificou-se que a extensão de palavra como fator que motiva o processo fonológico da monotongação na fala de Barra do Garças não confirma a hipótese de Freitas (2017) na qual as palavras trissílabas tendem a monotongar na fala uberabense. E, nem mesmo, a de Aragão (2000) que percebeu que na fala cearense quanto maior for a palavra, mais o falante tende a monotongar, isto é, em palavras polissílabas, no Ceará, os falantes usam com mais frequência o fenômeno da monotongação.

### 3.1.2 CONTEXTO SEGUINTE

Em se tratando do contexto seguinte, foram apresentados cinco tipos de contextos fonológicos, conforme exemplificado a seguir.

- IV- ...zoandu os otros. (Inf. 1, M, E.S, 19a)
- V- ...ah de tudo um poco. (Inf. 2, F, E.M, 20a)
- VI- ...o único piloto que atravessava por baxo da ponte. (Inf. 6, M, E.F, 47a)
- VII- aquela cachoera a genti vai pra lá à vez... (Inf. 4, F, E.M, 39a)
- VIII- ...coloco ropa nela. (Inf. 3, F, E.S, 21a)

Para a apresentação dos dados, vale ressaltar que segue abaixo uma breve explicação sobre o modo e ponto de articulação dos dados em a, b, c, d e e.

No exemplo “I”, trata-se de um contexto seguinte de oclusiva desvozeada alveolar; no exemplo “II”, de uma oclusiva desvozeada velar; no “III” de uma fricativa desvozeada alveopalatal; no “IV” de uma tepe vozeada alveolar; e no “V” de uma oclusiva desvozeada bilabial.

Por esses dados de amostragem, percebe-se que as oclusivas desvozeadas alveolar somaram 73 ocorrências, com o percentual de 47,40%. Em relação às oclusivas desvozeadas

velar, 23 ocorrências foram pontuadas, resultando em 14,93%. Em se tratando das fricativas desvozeadas alveopalatal, foram encontradas 8 ocorrências, com o percentual de 5,19%. No que diz respeito à tepe vozeada alveolar, foram encontradas 46 ocorrências, totalizando 29,87%. E, por fim, as oclusivas desvozeadas bilabiais foram somadas somente 4, totalizando o percentual de 2,59%.

Dito isso, esta pesquisa aponta na direção de que as oclusivas desvozeadas alveolares foram as mais utilizadas pelos informantes, ou seja, o processo de monotongação de ditongos decrescentes na fala barragarcense tem a tendência de ocorrer mais em palavras que tem como contexto seguinte o fonema consonantal oclusivo desvozeado alveolar e, por seguinte, a tepe vozeada alveolar, conforme ilustrado no quadro abaixo.

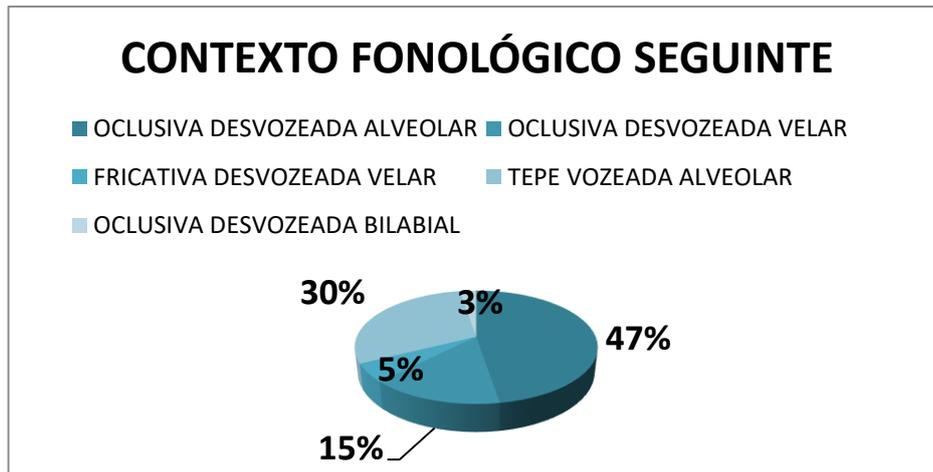
**Quadro 1** – Ocorrências de contexto seguinte

CONTEXTO SEGUINTE	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
OCCLUSIVA DESVOZEADA ALVEOLAR	73	47,40%
OCCLUSIVA DESVOZEADA VELAR	23	14,93%
FRICATIVA DESVOZEADA ALVEOPALATAL	8	5,19%
TEPE VOZEADA ALVEOLAR	46	29,87%
OCCLUSIVA DESVOZEADA BILABIAL	4	2,59%

Fonte: Elaboração própria.

Para que a interpretação dos dados apresentados sobre o número de ocorrências no contexto fonológico seguinte seja de fácil compreensão, segue um gráfico para fins ilustrativos da proporção de cada fonema.

**Gráfico 2** – Contexto fonológico seguinte



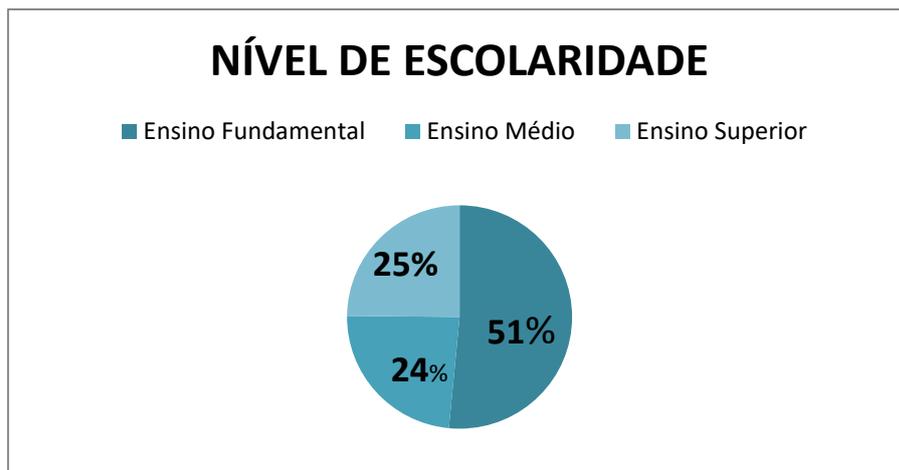
Fonte: Elaboração própria.

## 3.2 APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

### 3.2.1 NÍVEL DE ESCOLARIDADE

De acordo com os dados extraídos do *corpus*, no que se refere ao nível de escolaridade, foi possível observar que os informantes que tinham maior escolaridade, menos realizavam o fenômeno da monotongação. Sendo assim, os informantes do Ensino Fundamental realizaram 85 ocorrências, totalizando 51,51%, ao passo que os informantes que concluíram o ensino médio 39 ocorrências, totalizando 23,63% e os informantes do Ensino Superior, com um total de 41 ocorrências, apresentando 24,84%.

**Gráfico 3** – Nível de Escolaridade



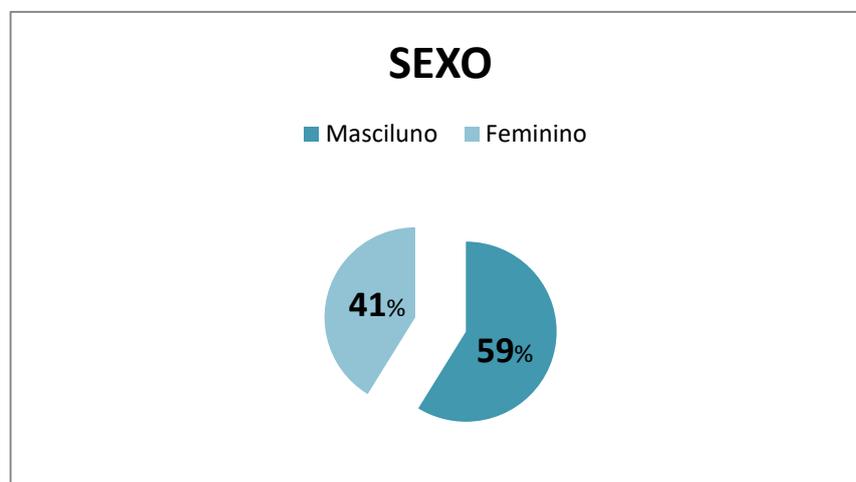
Fonte: Elaboração própria.

Com isso, pode-se dizer que o fator extralinguístico nível de escolaridade corrobora a hipótese de Bittencourt (2012, p. 15) e Votre (2004, p.51) na qual considera a escola como um lugar que preserva da forma de prestígio, isto é, as pessoas que possuem maior grau de escolaridade tendem a não monotongar.

### 3.1.2 SEXO

Em relação ao fator sexo, observa-se que os homens têm uma maior propensão a monotongar mais que as mulheres: informantes do sexo masculino somaram 97 ocorrências, totalizando o percentual de 58,78%, ao passo que informantes do sexo feminino somaram 68 ocorrências, tendo 41,21%.

Gráfico 4 - Sexo



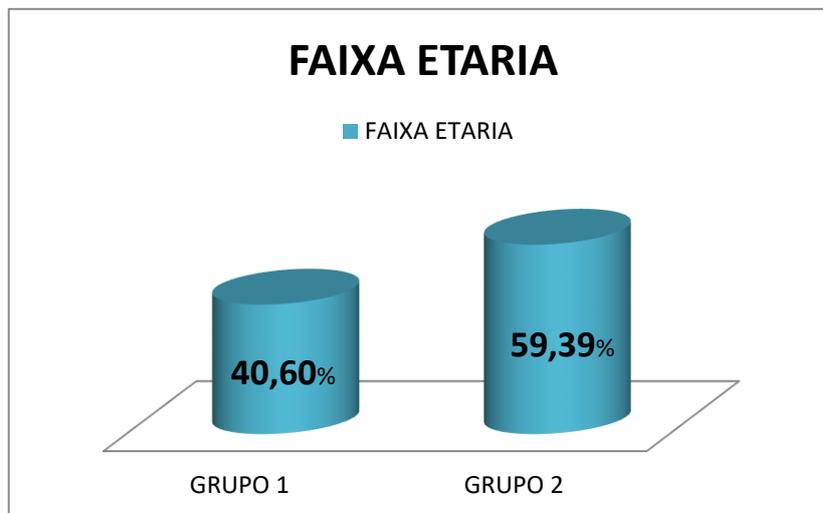
Fonte: Elaboração própria.

Em síntese, observa-se que esses dados condizem com a hipótese de Labov (2008 [1972], p. 282) cujos estudos apontam que as mulheres são mais sensíveis que os homens ao padrão de prestígio, ou seja, o processo de monotongação de ditongos decrescentes na fala barragarcense segue a hipótese de Labov por apresentar, nos dados estudados, que os homens usam mais as formas estigmatizadas.

### 3.1.3 FAIXA ETÁRIA

No diz que diz respeito ao fator faixa etária, o grupo dos adultos sobressaíram ao dos adolescentes em relação ao número de ocorrências. O G1, grupo dos adolescentes, somou o percentual de 40,60%, com 67 ocorrências, enquanto o G2, o grupo dos adultos, somou o percentual de 59,39%, com 98 ocorrências, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

Gráfico 5 – Faixa Etária



Fonte: Elaboração própria.

Com relação a esse fator, pode-se confirmar a hipótese de Labov (2008 [1972], p. 79), de que as variantes de prestígio se mostram mais recorrente na fala de pessoas mais jovens. Em outras palavras, o processo fonológico da monotongação na cidade de Barra do Garças é menos recorrente na fala de pessoas entre 19 a 28 anos, do que entre 39 a 47 anos.

Por meio dos dados que serviram como amostragem nesse trabalho, pode-se dizer que o fenômeno fonológico da monotongação em ditongos decrescentes é encontrado na fala

barragarcense, motivado pelos fatos internos, isto é, pelos fatores extensão da palavra e contexto fonológico seguinte e, também, por fatores externos, ou seja, por influência do sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável a intrínseca relação entre o processo fonológico da monotongação e o contexto seguinte, tal afirmação reforça a hipótese já aventada, conforme citado anteriormente, nos resultados encontrados por Cagliari (2002) e Freitas (2017).

Outro ponto que é relevante citar refere-se à verificação de que tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos motivaram a ocorrência da monotongação, essa afirmativa vai ao encontro das pesquisas mencionadas no aporte teórico de autores como Paiva (2003), Silva (2004), Anselmo (2011), Bittencourt (2012) e Freitas (2017).

No fator sexo, vale lembrar que os informantes masculinos fazem menos uso de uma linguagem próxima à gramática normativa da língua portuguesa, ao passo que as mulheres, por questões sociais, políticas e ideológicas, preservam a forma de prestígio. Quanto à faixa etária, o grupo de jovens apresentou maior resistência em relação ao processo de monotongação, enquanto os adultos tiveram consideráveis ocorrências. Em relação ao nível de escolaridade, o percentual da pesquisa apontou que os mais escolarizados tendem a não monotongar, ao passo que, quando menos escolarizado, mais se usa a monotongação. Quanto à extensão da palavra, as palavras dissílabas apresentam contexto fonológico propício ao fenômeno em questão em relação às trissílabas e polissílabas. E, em relação ao contexto seguinte, a fala barragarcense apresenta predisposição a monotongar em fonemas consonantais oclusivos desvozeados alveolares e em tepe vozeada alveolar.

Com os estudos linguísticos labovianos, é possível aliar teoria à prática para explicitar que julgamentos como “certo” ou “errado”, adjetivando um dialeto por estar diferente do que é chamado de norma padrão é, nada mais, nada menos, que uma forma enviesada de compreender a capacidade linguística de todo ser humano, criando, assim, uma visão estereotipada em relação a determinadas formas existentes de se processar a linguagem. É claro que há muito que se fazer em relação ao fenômeno que foi tema da pesquisa apresentada. E é necessário, também, que outras análises sejam feitas para dar conta da

relação que existe entre os fatores linguísticos e os fatores extralinguísticos, por isso, outras empreitadas serão sempre consideradas como complementares às já existentes.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Diana Liz Reis de. **A Monotongação na Fala de Informantes de Florianópolis do Projeto ALIB**. VI Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão: 2012.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.

COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAS, B, F, C. **Estudo da Monotongação de Ditongos Orais Decrescentes na Fala Uberabense**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade do Estado de São Paulo. Araraquara, 2017.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factor**. Oxford: Blackwell, 1994.

MOLLICA, C., M.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

NARO, Anthony Julius. O Dinamismo das Línguas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2020 [2004]. P. 43-56.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança Linguística: Observações no Tempo Real  
In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. 4. ed.  
São Paulo: Editora Contexto, 2020 [2004]. P. 179-190.

PAIVA, M. da C. de. **A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes**. In:  
SILVA, G. M. de O. et SCHERRE, M. M. P.(Orgs.) Padrões sociolinguísticos - análise  
de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de  
Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 219-135.

PAULISTA, Maria Lucia Loureiro. **Variação Linguística: Primórdios, conceito e  
metodologia**. Mato Grosso do Sul: Revista ECOS, vol. 21, Ano 13, nº 02, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos Empíricos Para uma  
Teoria da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

## ANEXOS

### ANEXO I

Este anexo apresenta as amostras extraídas do banco de dados do GELFA, na qual mostra a presença do fenômeno fonológico de ditongo decrescentes na fala barragarcense.

## ENTREVISTAS

Informante: NFS, Masculino, 19 anos, Cursa ES.

1. ...era bem poco.
2. ...ia anda no matu caçava frutinha pra come e apronta ia fazer foguera.
3. ...eu já vejo que podia ter concertadu alguma coisa otro.
4. ...acho que é mudo muito ali as catchoera.
5. ...não se batem um com o otro.
6. ...é bom pra cidadi a questão comercial e finacera.
7. ...viu que tinha um material de pedrero.
8. ...eu fui balançando o ferru até quebrar o ferro né que eu tô la sacudindu o ferro sacudindu o otro.
9. ...zoandu os otros.
10. ...fui pulei dentru d'água de ropa e tudu.

11. ...também que eu já fiz dum senho que chegou lá que querendo fazer os dente dele os dois caninos de oro.
12. ...ao fundo de oro.

Informante: ECR, Feminino, 20 anos, Cursou EM.

1. ...a genti quer saber mais que... que os otros e aí sai cada coisa.
2. o meu primeiro emprego tanto não foi nem nesse restauranti foi em otro.
3. ...lá na chácara do meu pai lá tem uma otra vizinha...
4. uns falam Boa Esperança otros falam Paulistinha
5. ...a saúde está bem abaxo.
6. ...um querendo toma cargo do otro.
7. ...um quer ser maior que o otro.
8. ...o poco que a genti ganha dá muito bem da genti paga nosso aluguel.
9. ...lá eles pagavam muito poco.
10. ...mas pelo menus com poco que eu vou igual a festa da matriz mesmu foi ótima...
11. ah de tudo um poco.
12. ...tem que ser eclética nessa parte né gosta de tudo um poco.
13. e a mãe dela resolve te otro filho.
14. sou mais casera.
15. ...no otro dia a genti melhora.
16. ...vida de rocero como diz o povo.
17. ...a genti senti mais confiança em termos dos otros.
18. ah os otros... é... alguns é mais pra lá.
19. ...quem tem poca renda conseguir a casa própria.
20. assim meu vô na época era bem ricu era o fazendero mais rico que tinha lá na nossa região.
21. ...ela pego ia me dando pra um fazendero.
22. pexe você podia pegar mesmo dentru da própria casa...
23. ...é muito pequeno pra mim eu vou pra otra cidadi pra ganhar mais.
24. ...é sempri um querendu ser melhor que o otro.
25. ...com a ropa bem vestida no casu assim, né.
26. aondi eu peguei na cadera está suju então é complicadu.

Informante: B F, Feminino, 21 anos, Cursando ES.

1. pra mim é um poco difícil porque é/tem algumas matérias que eu tenhu mais dificultadi.
2. ...os alunos são maiores tem mais responsabilidade otros não.
3. ...otros são criação de tudu.
4. ...e tem otros que fala pra ajuda.
5. ...mas quandu começa a um querer passa na frente do otro.
6. ...é você na vez aí você vai lá e otro passa na frenti aí já fica na/chato né.
7. ...aquela pessoa mais humildi não fica com seu filho ali do lado e os otros não.
8. ...porque até mesmo uma otra funcionária lá ela também não queria ser atendida por ela por que ela era ainda mais escura.
9. ...essa otra menina nós nunca atendia ela por causa disso.
10. ...tem otras funcionarias lá tem uma clienti que ela é ótima.
11. ...aí tem otros que você ganha que você faz a/a inscrição.
12. ...nem passar lá no meio daquela pracinha porque só tinha maconhero lá.
13. ...coloco ropa nela.

14. ...e meu pai fico loco atrás desse homem.
15. ...também no otro anu a genti pretendi arrumar um serviçu pra genti casa e vive junto.
16. eu/eu sou loca pra ter um filhu.
17. ó o tanto de ropa aí no varal.
18. ...na verdade foi ele me beijo quase me mato de vergonha dos otro mas tá bom.
19. ...os otros eu to bem nas outras matérias.
20. ...não tem nada a ver com issu não totalmente diferenti então foi pra otro rumu né.
21. ...mais então pra mim foi otra realidade né.
22. pretendu após termina a faculdade já começa uma otra.
23. ...ou é alguma coisa que aconteci ou minha irmã que precisa de mim ou é otra coisa.
24. na nossa igreja na católica canta poco.
25. ...a minha avó brigava porque ele era macumbero.
26. ...fui crescendo fui crescendo a poco a poco.
27. ...fui em Goiânia entrei num shopping lá os mercado de lá é enorme né fui nas fera nossa foi ótimo gostei muito.
28. ...pra ele não dá trabalhú nas otras eu entreguei pra diretora.
29. ...pareci que me atormentava o tempu intero...

Informante: CFC, Feminino, 39 anos, Cursou EM.

1. ...com poco tempo mas consegui...
2. eu e minha otra irmã
3. otra fazenda de amigos né
4. ...é pocos que eu já achei assim mal educadu sabe?
5. ... bem pocos...
6. ... ali é bem pocos que eu já achei...
7. otros não você vê assim...
8. ...pra vê se diminui um poco...
9. aquela cacheoera a genti vai pra lá à vez...
10. a genti quasi não assisti muito poco...
11. ... um poco..
12. sempri ajudano o otro quando precisa sabe?

Informante: P C O S, Masculino, 46 anos, 3ª série EF.

1. ...o crescimentu foi... muito poco.
2. ...quando fiquei um poco...
3. ...maior um poco...
4. ...era difícil até para os pais compra carrinho esses trem muito poco existia também né.
5. na época não tinha nem um eventú nem alguma otra coisa né.
6. ...brigas entre irmãos não podia acontece porque daí apanhava abraçado um com o otro...
7. ...podia ter desentendimentu com otro porque os pais corrigia né.
8. ...às vez nem conversa um com o otro né.
9. ...é revolta intriga um com o otro.
10. ...ou um fica ou o otro vai né.
11. ...sempre tinha uma amargurazinha uma coisa uma tristeza um com o otro...
12. ...mesmo que ele tinha otra família mas ele nunca deixo de... ele trazia as coisa né fazia festa fazia.
13. ...e não tinha mágoa um com o otro né.
14. ...que segue o caminho e cremos que estamos no caminho certu que é o caminho não tem otro o senhor...
15. ...é tão bom que pra genti que já entendi um poco da Palavra...
16. ...né mas otros da família aquele desespero...

17. ...e quando foi na *otra* noite meio dia eles chegaram lá...
18. foi no *otro* dia sete horas da manhã eu falei pra eles...
19. ...o *rabichero* e o tratorista abandonaro a máquina porque diz que tinha genti atirando neles.
20. ...vamos lá ver né aí os *otros* velhacos...
21. ...a gente estava trabalhando o pneu de uma *plantadera* estouro
22. ...chegamos lá o pneu da *plantadera* que tinha *estorado*.
23. ...e aí fico pro meio da *lavora*.
24. ...era a mulher de branco deles que estava correndo no meio da *lavora*.
25. ...era as histórias que eles contava lá da época tinha também um *pistolero*.
26. ...fomo mexe com *lavora* nesse retiro.
27. ...sei que até os menino que trabalhava de *rabichero* né.
28. ...na *plantadera* né.
29. ...dava das dez horas em diante nenhum deles queria fica no rabicho da *plantadera*.
30. ...porque diz que o homem sentava *em riba* da *plantadera*...
31. ...casas salteados um pouquinho pra ali *otro* pra acolá.
32. ...do outro lado ali então era muito... muito *poco* o movimento.
33. ...ali que tinha mais um *poco* de casa né.
34. ...aí cresceu aí já foi tendo aqueles *otros* bairro.
35. ...aí é que retornava tudo de volta pra ir pra *otro* lugar né.
36. ...reunia as *otras* né e agrupava ali.
37. ...o Valdon Varjão e mais *otros* políticos.
38. ...está vendo a *roubalhera* está vendo tudo e ainda coloca a pessoa de volta.
39. ...traz de volta porque beneficio uns *otros* né o pessoal.
40. ...você tem que marca um dia pra um exame pra *otro*.
41. ...quantos vai dos *otros* estados pra lá pra fazer tratamento e não tem como atende?
42. ...que *otros* que se candidatam faz tanta coisa e promete um monte de coisa lá.
43. ...e o final do mandato do *otro* eu não vejo expectativa nenhuma.
44. ...todos os que fizeram o financiamento está aí pagando de uma forma ou de *otra*.
45. ...com o que a genti ganha o senho não tem mais como basear pro *otro* mês né.
46. ...eu digito e passo para o *tesourero*...

Informante: N L, Masculino, 47 anos, Cursou EF.

1. o gado é uma mesmice é uma sequência mas de uma mesmice e a de *caminhonero* não e isso é várias cargas de vários jeito e vários endereço então muda muito.
2. eu vivi eu trabalhei como como *maderero* muito tempo.
3. nessa parte de *caminhonero* pra *maderero* você conhece os piores obstáculos.
4. da *maderera*?
5. ele dizia que era o único *maderero* que ele conhecia que não tinha cicatriz.
6. ...então a serraria comprava da dos fazendeiros aquela *madera*.
7. ...e depois tem a parte de *estopadera* que era pra cortar comprimento aí você tem grossura, largura e comprimento.
8. ...era uma cidadi *garimpera* aonde os primeiros que vieram pra cá vieram atrás de preda.
9. ...e foi construindu lentamente aonde era a *maderera*.
10. eu acredito que assim de *poco* tempo pra cá não muito Barra do Garças cresceu muito de uns dez anos.
11. ...criando um outro um *otro* padrão de cidade deixando aquele de garimpero antigo e de barraquinho.
12. ...então o nível era *otro*.
13. ...faleceu no acidente com as cargas de *madera*.
14. meu irmão é *engenhero* agrônomo.
15. ...cheguei a ver em *otros* lugares luzes mas nunca vi nada além do que luz.
16. ...quando atravessamos o rio ela tava do *otro* lado.
17. ...só que do *otro* lado ela torno a aparecer.

18. ...o Saulo e eu fui *abaxo* da ponte naquele dia.
19. ...eu tive muitas pescaria bem sucedida e peguei muito *pexe*.
20. ...tava embarcado próximo a Araguaiana *abaxo*.
21. ...foi assim um dos *pexes* mais embora eu tenha pego muita matrinchã mas peguei com linha grossa.
22. ...o único piloto que atravessava por *baxo* da ponte.
23. ...ele era o piloto que entrava por *baxo* da ponte ali com avião.
24. ...eu fui subi o barranco do *otro* ladu.
25. ...cheguei a faze *otras* viagens depois à cavalo.
26. ...o *otro* dia cedu na 158 não na 070 antes do meio dia há uma longa distância eu conseguia senti o cheiro de carne.
27. ...e em *poco* tempu depois eu não conseguia ver nenhum.
28. ...aí *abaxo-se* o cilibim um pouquinho.
29. ...aí tivemos que tirar o *coro* dela.
30. ...ou ele desconhecia o perigu que era ou ele deu um surtu de *locura* pra tenta avança naquilo.
31. ...mas se tive entre um e *otro* podi corre o risco.
32. de *caminhoneru*?
33. ...nós fomos pra um *otro fazenderu*.
34. ...então *caminhoneru* tem cada história cada dia.
35. ...relatei de uma *otra* hoji mas ela é muito cumprida.
36. ...mas o *otro* dia eu tava arrebetadu...
37. ...mas o rapaz da canoa o *pilotero* como o espaço maior que tinha na canoa...